

A MAMOA DE AFIFE: BREVE SINTESE DE 3 CAMPANHAS DE ESCAVAÇÃO

por

Eduardo Jorge Lopes da Silva *

I — INTRODUÇÃO

Não se pretende com esta comunicação, apresentar um estudo exaustivo deste monumento megalítico, fundamentalmente pelas razões seguintes: por um lado, avulta o facto de, quer o trabalho de campo, quer o de gabinete estarem, ainda, em curso; por outro lado, há a referir a intenção do autor de guardar descrições mais pormenorizadas e conclusões mais definitivas para o trabalho conjunto que pretende publicar, inserido no seu Projecto de Investigação que visa o estudo do Megalitismo minhoto, em correlação com o do Douro Litoral e Beiras. Assim sendo, limitar-nos-emos, por ora, a uma breve síntese dos trabalhos desenvolvidos naquele importante monumento, no intuito de dar a conhecer, desde já, aos colegas que, no noroeste peninsular, se vêm dedicando ao estudo sistemático do fenómeno megalítico, algumas particularidades que nos parecem de interesse e merecedoras de uma primeira divulgação. Simultaneamente, pretende-se, deste modo, contribuir, ainda que de forma singela, para o enriquecimento deste Colóquio, em boa hora pensado, e que mereceu a anuência de tantos especialistas, prova de vitalidade e do frutuoso intercâmbio que continua a operar-se entre arqueólogos deste bloco peninsular.

II — O MONUMENTO

1) Localização

Situada no extremo norte do concelho de Viana do Castelo, na freguesia de Afife, a Mamoa da Eireira é um dos monumentos megalíticos deste género mais próximos do litoral, até hoje conhecidos e escavados. Implanta-se, de forma isolada, a cerca de 400 metros da linha de costa, na margem esquerda da estrada nacional Nº 13 (Porto-

* Do Instituto de Arqueologia da Universidade Portucalense e do GIAN.

-Valença), ao quilómetro 80. Acesso fácil.

Coordenadas: Long. 8° 52' 3" WG; Lat.: 41° 47' 21" N.

2) Descrição geral

Apesar de não se poder considerar integrada em qualquer núcleo megalítico, será de referir a proximidade de outros monumentos semelhantes, num raio de uns 3 Km, ainda que não tão litorais. É o caso do conhecido e bem conservado Dólmen da Barrosa, classificado como *monumento nacional*, localizado na vizinha freguesia de Vila Praia de Âncora, já no concelho de Caminha, bem como a Mamoa de S.^{to} de Vile (muito arruinada) e a Mamoa de Fraião, Aspra, no mesmo concelho, que foi objecto de uma primeira intervenção arqueológica no Verão de 1988, por nós orientada.

No dólmen da Eireira, cuja mamoa apresenta um diâmetro de cerca de 28 metros, foram efectuadas, até ao momento, 3 campanhas de escavação, tendo-se realizado a primeira no Verão de 1986.

O micro-topónimo *Eireira* vem registado em bibliografia antiga, nomeadamente Cartailhac e Martins Sarmiento, embora, hoje, poucas pessoas identifiquem o sítio por esse designativo.

Na sua obra «*Les Âges Préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*», editada, em Paris, em 1886, E. Cartailhac refere-se à *Mamunha da Eireira, grande motte au centre de laquelle on voit les ruines de la crypte mégalithique*. Acrescenta que, segundo uma planta que lhe fora fornecida, tal monumento não possui galeria de acesso. O plano e corte que junta são de uma grande fantasia, face aos resultados da escavação, como veremos.

O pendor do *tumulus*, pelo lado Norte, é bastante mais acentuado.

Na zona de violação (*cratera*), apenas afloravam os topos de 4 pedras que pudessem interpretar-se como pertencentes a esteios da câmara.

Poucas pedras da carapaça lítica eram visíveis.

III — A ESCAVAÇÃO

1) O *tumulus*

Os trabalhos de escavação evidenciaram, de forma inequívoca, a estrutura lítica de cobertura e contenção das terras do *tumulus*. Esta carapaça, constituída por pedras de granito, de pequeno e médio porte, apresentaram-se de forma não muito compacta nos braços E, W e S.

A Norte, porque o pendor é mais acentuado, tal estrutura surge muito mais compacta, com pedras de cutelo, com função de travamento, notando-se alguns blocos, de maior porte, na base ou periferia.

Entretanto, como é nítido nos braços Norte e Sul, os construtores não estenderam a deposição dessas pedras a toda a área, sendo o espaço existente entre a estrutura de

contenção ou suporte dos grandes esteios do dólmen e a estrutura lítica periférica preenchido apenas com terra.

2) A arquitectura

2.1. — A estrutura de contrafortagem

No decurso das 3 campanhas de escavação foi possível pôr em destaque uma interessante estrutura de reforço ou contrafortagem dos esteios que constituem o megálito propriamente dito. Trata-se de um conjunto de pedras que desce, em forma de calote, desde o topo das lajes do dólmen, incluindo o corredor, até quase ao solo de base. Esta estrutura apresenta uma grande compactação das suas pedras constituintes. Na sua generalidade, encontra-se bem conservada, excepção feita ao lado Oeste, área de mais intensa violação. Essas pedras, de porte médio, surgem sobrepostas e ligadas por terra escura. Porém, as pedras que constituem a base desta estrutura, surgem como que argamassadas com uma terra de coloração amarelada, de constituição semelhante à do barro, com a qual foram preenchidos os espaços livres entre as mesmas, donde resultou uma maior compactação. Esta terra, dura e de constituição homogénea, prolonga-se, um pouco, em área, como que formando uma sapata, descendo, em calote, até ao solo de base. Trata-se, sem dúvida, de um reforço de contenção da própria estrutura de contrafortagem.

2.2 — A Estrutura dolménica

A escavação revelou a existência de uma estrutura dolménica muito bem conservada, distinguindo-se, também, pelo elevado número de esteios *in situ*. Os seus 16 ortostatos definem um monumento com corredor indiferenciado, em forma de V.

A câmara propriamente dita, ou seja, o espaço mais amplo desta estrutura, não se encontra fechada pela cabeceira (lado Oeste). Aí, foi localizado um grande esteio, completo, tombado, de cutelo, no sentido O-E, encostando-se aos esteios n.º 16, 15 e 14, que, talvez, possa ter colmatado o espaço agora aberto, em conjugação com dois grandes fragmentos que se encontram tombados para o lado exterior deste limite, embora na mesma área (caso do que se encontra, na horizontal, próximo do esteio n.º 16). De notar que é nesta zona que mais intensamente se verifica o resultado das acções de violação operadas no monumento.

Uma das características mais surpreendentes, em termos de tipologia megalítica, é o facto de os esteios considerados de *corredor* serem da mesma altura dos que constituem a *câmara*! Cremos tratar-se de uma disposição bastante rara no nosso País, assemelhando este dólmen, de alguma forma, a uma *álea coberta* em V.

Não foi localizada nenhuma laje que pudesse ter pertencido à cobertura da estrutura.

A laje n.º 9, inclinada para o exterior, encontra-se no enfiamento da entrada do corredor. É de admitir que ela constitua o fecho que obliterasse essa entrada, bastante estreita, junto dos esteios n.º 8 e 10. Repare-se no pormenor da pedra n.º 8 ser de

largura bem mais reduzida do que as outras que configuram o *corredor*. Poderemos aqui buscar paralelo com uma outra, no dólmen da Barrosa?

A altura interna, do lado dos esteios mais verticais (n.ºs 1 e 15) é de cerca de 2 metros.

Todos os esteios do *corredor* apresentam uma regular inclinação para o interior. Alguns estão sumariamente lascados nos topos.

Os esteios n.ºs 1 e 15 revelaram, na extremidade superior, pequenas covinhas, de significado ainda não muito bem definido.

IV — AS GRAVURAS

Uma outra característica que confere a este monumento particular importância é o elevado número de esteios decorados com gravuras. Estas distribuem-se por 6 dos 16 ortostatos que constituem a estrutura dolménica. No esteio n.º 1 há que destacar a boa conservação dos motivos em zigzague, constituídos por 5 linhas quebradas, dispostas na vertical, sensivelmente paralelas, dispostas na face interna da pedra.

No esteio n.º 2, é de realçar um motivo de tipo soliforme, bastante esquemático. Localiza-se no topo vertical, lado Este.

No esteio n.º 5, verifica-se a repetição do mesmo motivo existente no n.º 1, com a diferença de as linhas estarem quase imperceptíveis. Localizam-se na face interna, não se notando qualquer preparação da superfície, ao contrário do que parece ter acontecido no esteio n.º 1.

Bastante interessantes, por fugirem ao convencionalismo habitual, são as gravuras do esteio n.º 6. Trata-se, numa primeira interpretação, de gravuras muito esquemáticas, de tipo antropomórfico, provavelmente associadas. São motivos muito raros no contexto da arte megalítica da Europa Ocidental. Embora não muito perceptíveis, estas gravuras, que abrangem quase toda a superfície interna do esteio, estão bem conservadas.

Logo que oportuno, procedeu-se à limpeza destes esteios, a que se seguiu a aplicação do método bicromático, seguido de decalque em película de polivinilo. Deste levantamento, resultou um primeiro estudo, ainda incompleto, que apresentámos no VI Colóquio Portuense de Arqueologia¹.

No esteio n.º 11, poucos centímetros abaixo do topo, detectou-se uma gravura, pouco perceptível, configurada num ondulado horizontal, de tipo serpentiforme.

Por último, no esteio n.º 15, há a referir a existência de várias gravuras, nítidamente picotadas, de tipologia pouco habitual, pelo que reservamos a sua interpretação para um próximo estudo.

¹ SILVA, Eduardo Jorge Lopes da, *Descobertas Recentes de Arte Megalítica no Norte de Portugal*, VI Colóquio Portuense de Arqueologia, SEC, Porto, 1987 (Actas a publicar).

V — O ESPÓLIO

Foi relativamente diversificado e em quantidade apreciável o espólio encontrado ao longo destas 3 campanhas, com nítida predominância para o material lítico. Deste, é de destacar o elevado número de lascas residuais de quartzite, algumas com retoque, cujo total se aproxima das 3 centenas.

De entre o material lítico mais significativo é de referir a existência de 2 machados de pedra polida, de 17 pontas de seta de base triangular e 5 lâminas em sílex, além de elevado número de lascas residuais de quartzite.

Quanto ao espólio ceramológico, foram recolhidos mais de duas centenas de fragmentos de cerâmica, predominantemente lisa, com destaque para um fragmento com decoração canpaniforme (campanha de 1988).

Refira-se, entretanto, que a escavação permitiu a obtenção de carvões em quantidade para se poderem realizar, por seu intermédio, datações pelo radiocarbono.

VI — A PROTECÇÃO

A protecção deste monumento resultará de dois imperativos. Um, de carácter geral, tem a ver com o cuidado que entendemos dever ser posto em qualquer monumento escavado, de forma a evitar, tanto quanto possível, a sua posterior degradação. Outro, de carácter específico, derivado do facto de se estar, neste caso concreto, face a um monumento com uma excepcional localização, o que permitirá integrá-lo em roteiros turísticos já em estudo.

Em articulação com a Câmara Municipal de Viana do Castelo, começou-se já por proceder à sua adequada vedação, estando prevista a publicação de um folheto explicativo.

Prevê-se, entretanto, para breve, e integrada num amplo projecto de protecção e valorização de monumentos arqueológicos criteriosamente seleccionados, a cobertura do dólmen de Afife, sob acção conjugada com o Serviço Regional de Arqueologia da Zona Norte, do Instituto Português do Património Cultural.

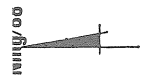
VII — CONCLUSÃO

Face ao que fica referido, percebe-se facilmente que a Mamoa da Eireira (Afife) é um dos monumentos megalíticos melhor conservados de todo o Minho, sendo certo que a sua importância surge evidenciada através do elevado número de esteios da estrutura dolménica, da sua planta, da estrutura de contrafortagem que rodeia os ortostatos, das gravuras que ostenta e do significativo espólio que revelou.

É de apontar o facto de estarmos perante o monumento, do género, mais próximo do litoral. O contexto megalítico em que se insere é, também, de ter em conta, pelo

estudo conjunto quer permitirá. Daí que a futura ostensão de datações pelo C14 se revista da maior importância, porquanto permitirá estabelecer novas leituras' do megalitismo do Norte de Portugal. Recorde-se que esta escavação se insere num Projecto de Investigação que o autor vem desenvolvendo no litoral minhoto, com destaque para a Mamoa de Chafé (escavada em 1985) e para a Mamoa de S. Romão do Neiva (escavada em 1988), ambas no concelho de Viana do Castelo.

Prevê-se, ainda, para 1989, uma última e curta intervenção, altura em que se procederá ao desenho de alçados.

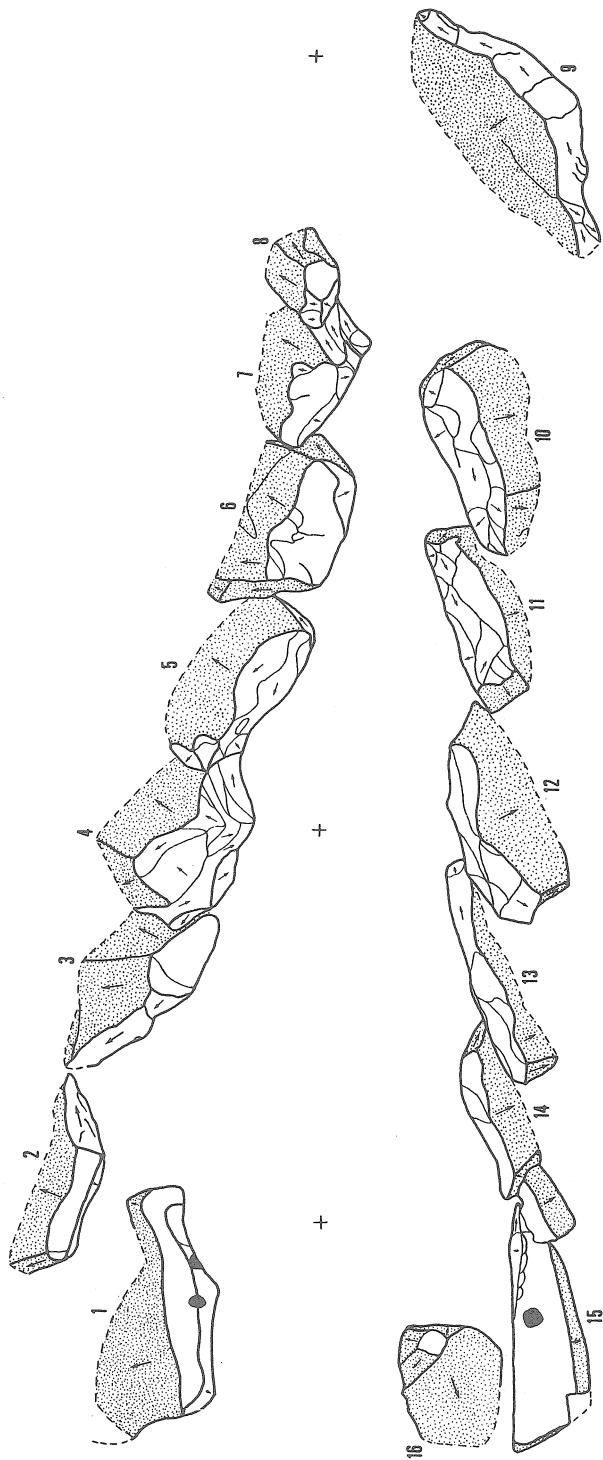


+1D

+1C

+1B

+1A



+10D

+10C

+10B

+10A



Est. I

MAMO A DA EIREIRA (AFIFE)
VIANA DO CASTELO

Fig. 1 — Planta da mamoa da Eireira (Afife).



Fig. 3 — Mamoa de Afife. A estrutura dolménica, vista de SW.

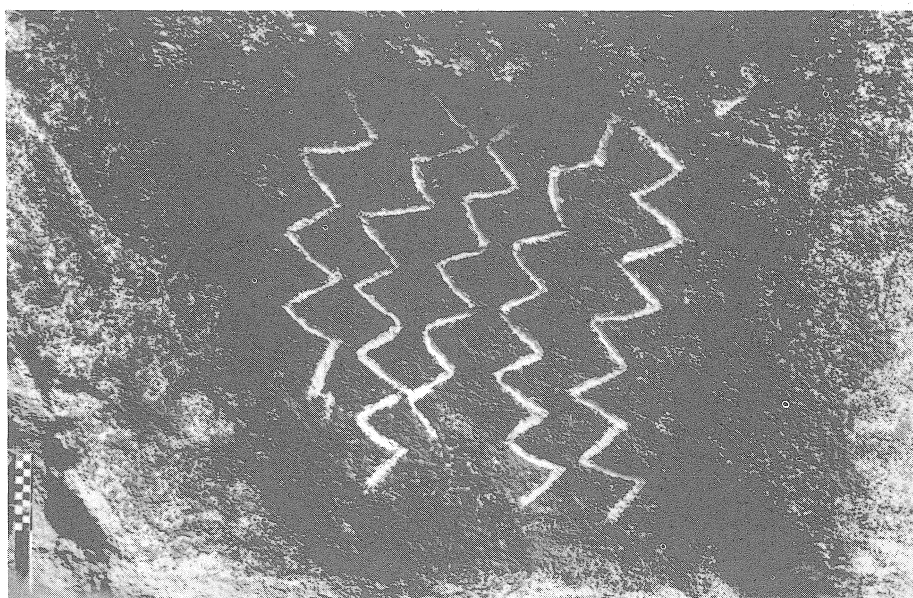


Fig. 4 — Mamoa de Afife. Pormenor das gravuras, em ziguezague, do esteio nº 1, após a aplicação do método bicromático.